



XV SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO

A Cidade, o Urbano, o Humano Rio de Janeiro, 18 a 21 de setembro de 2018

ENTRE A UTILIDADE E A DIVERSÃO: ALAMEDAS E PASSEIOS PÚBLICOS NAS VILAS E CIDADES COLONIAIS LATINO-AMERICANAS

EIXO TEMÁTICO: VILAS E CIDADES, URBANIZAÇÃO E REGIONALIZAÇÃO

HUGO SEGAWA

Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

RESUMO

Os estudos de caso de oito jardins públicos – no México (Querétaro, Veracruz, Zacatecas e Campeche, os dois primeiros do século XVIII e os últimos do século XIX), no Peru (Trujillo, do século XVIII e Ayacucho do século XIX) e no Brasil (Goiás, do século XVIII e Fortaleza do século XIX) –, pretendem caracterizar um fenômeno da urbanização latino-americana que ainda deve ser melhor desvendado. Alamedas e passeios públicos foram criações recorrentes das autoridades ibéricas coloniais na organização das vilas e cidades desde o final século XVI, com continuidade ao longo do século XIX. Eram recintos ajardinados, arborizados, para o deleite da população, nos quais se incentivavam formas de sociabilidade que se reproduziram, com variações relativizadas nos estudos de caso do presente ensaio, em vários quadrantes da América colonial, constituindo uma prática da estruturação urbana não prevista nos documentos fundacionais da ocupação americana e não adequadamente reconhecida na história da urbanização latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Alamedas e passeios públicos – Urbanização na América Latina – Jardins públicos na América Latina.

BETWEEN UTILITY AND LEISURE: ALAMEDAS AND PUBLIC WALKS IN LATIN AMERICAN COLONIAL TOWNS AND CITIES

The case studies of eight public gardens - in Mexico (Querétaro, Veracruz, Zacatecas and Campeche, the first two of the 18th century and the last of the 19th century), Peru (Trujillo, 18th century and Ayacucho, 19th century) and Brazil (Goiás, 18th century and Fortaleza, 19th century) –, aim to characterize a phenomenon of Latin American urbanization that still needs to be better unveiled. Alamedas and public walks were recurrent creations of the colonial Iberian authorities in the organization of the towns and cities from the late 16h century, continuing throughout the 19th century. They were landscaped, leafy enclosures for the delight of the population, in which forms of sociability were reproduced, with variations relativized in the case studies of this essay, in various places of colonial America, constituting a practice of urban structuring not provided for in foundational documents of the American occupation and not adequately recognized in the history of Latin American urbanization.

KEY-WORDS: *Alamedas and Public Walks – Urbanization in Latin America – Public Gardens in Latin America.*

Na constituição das vilas e cidades da América, as alamedas ou *paseos* – no mundo espanhol –, e os passeios públicos – para os portugueses –, foram estruturas nem sempre adequadamente observadas na urbanização dos assentamentos do século XVI ao XIX. Se estabelecermos, grosso modo, que alamedas e passeios hispânicos e lusos se correspondem como lugares presentes na morfologia urbana na ocupação americana, caracterizados como logradouros ajardinados, arborizados, projetados pelos governantes para usufruto público, podemos aventar a existência de uma tipologia de espaço urbano como são, por exemplo, a rua, o largo, a praça. Mas alamedas e passeios não são praças ou largos simplesmente ajardinados, ou de um modo mais genérico, espaços não edificadas, com vegetação. Dentro da nossa perspectiva, configuram lugares urbanos criados especialmente para o deleite da população, cenários para sociabilidades, com características próprias e traços formais reconhecíveis, mas variáveis, com funções específicas na estruturação das vilas e cidades ao longo do período mencionado e mesmo posteriormente.

A criação de passeios no século XVI e ao longo dos séculos XVII e XVIII nas cidades e vilas coloniais espanholas e portuguesas, e sua persistência e até resiliência no século XIX, evocam questões: qual foi a magnitude da implantação de passeios ajardinados no território americano? Havia alguma política para a criação de tais recintos no urbanismo colonial? São os passeios americanos o mero transplante pelo gosto dos jardins públicos europeus? São dúvidas que estamos buscando esclarecer.

Este ensaio busca especular sobre constâncias e recorrências, mediante estudos de caso de alamedas e passeios no Brasil, México e Peru dos séculos XVIII e XIX. São formas de aproximação desses fenômenos, os quais, circunscritos nos limites de lógicas de implantações e relações urbanas de cada caso, cada tempo, cada circunstância, permitem reconhecer relações espaciais nas respectivas tramas urbanas. Sem pretender caracterizar uma unidade, esse exame empírico é como uma etnografia do espaço público ajardinado da colonização ibero-americana. Reflete sobre a não casualidade, de certas previsibilidades, de algumas reiterações que apontam para entendimento que as alamedas e passeios são objetos de conhecimento, como elementos da sintaxe e da construção do fenômeno urbano nos primeiros séculos da colonização ibero-americana.

OS PASSEIOS PIONEIROS

Para o reconhecimento desses espaços urbanos, são referências a Alameda do México e o Passeio Público do Rio de Janeiro, cada qual representando uma experimentação, do lado espanhol e do lado português da colonização.

O primeiro jardim público na América precedeu a quase todos espaços ajardinados públicos europeus. Por preceder, entendemos a anterioridade do passeio mexicano aos recintos mais conhecidos do mundo europeu, como os jardins das Tulherias em Paris, o Saint James Park ou Hyde Park de Londres, o Paseo del Prado de Madrid ou o Unter den Linden ou Tiergarten de Berlim, para mencionar alguns

exemplos. Em 1592, o 8º vice-rei da Nova Espanha, D. Luis Velasco, ordenou a construção de uma Alameda, projetado por Rodrigo Alonso.¹ De acordo com uma crônica de 1858,

...escolheu-se o terreno conhecido como o Tianguis de San Hipólito. Naquele lugar havia um mercado e ali se começou a traçar a Alameda, que tomou este nome por estar plantada de álamos e sua maior parte; construíram-se algumas fontes e um cercado com portas. Em junho de 1730 contava com quatro mil álamos e salgueiros; sua circunferência é de 1.144 varas e tem quatorze ruas bem formadas e retas²

A configuração original da Alameda era quadrada e este aspecto manteve-se até sua remodelação no final do século XVIII. Situava-se em um caminho de saída da cidade, uma área pantanosa no lado oeste da cidade do México. Em 1770, o vice-rei D. Carlos Francisco de Croix ampliou a Alameda para uma superfície retangular e sua inauguração em seu novo aspecto se deu em 1776, pelo vice-rei Antonio de Bucareli y Ursúa. Em uma crônica publicada em 1900, José Maria Marroqui descreveu:

A novidade do passeio e sua inegável beleza atraíam a cada dia maior número de pessoas, especialmente aos domingos e nas tardes dos dias festivos, que por ordem do Sr. Bucareli eram amenizadas com música. [...]. O excessivo número de carruagens que rodavam na cidade [na segunda metade do século XVIII] havia chegado a tal extremo que incomodava e prejudicava os pedestres, sempre mais numerosos. Onde se fazia mais grave o incômodo era na entrada e na saída da Alameda nos dias de passeio, porque pelas mesmas portas entravam as carruagens e as pessoas, tanto a cavalo como a pé.³



Figura 1 – México D. F. 1. Alameda da cidade do México; 2. Zócalo e Catedral.

No mundo luso-brasileiro, nada mais singular, do ponto de vista urbanístico, que a realização do Passeio Público do Rio de Janeiro. Estudos contemplando o Passeio informam que sua execução decorreu entre 1779 e 1783, por ordem do vice-rei D. Luiz de Vasconcelos, que encarregou o artista Valentim da Fonseca e Silva, o Mestre Valentim – importante escultor, arquiteto e, no caso, urbanista do Rio de Janeiro colonial – a traçar o recinto ajardinado.

¹ Marroqui, José Maria. **La Ciudad de México**. México: Typ. Y Lit. La Europea de J. Aguilar Vera, 1900, v. 1, p. 237.

² Arróniz, Marcos. **Manual del Viajero en Méjico**, ó Compendio de la Historia, de la Ciudad de Méjico, con la Descripción e Historia de sus Templos, Conventos, Edificios Públicos, las Costumbres de sus habitantes., etc., y con el Plan de dicha Ciudad. México: Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 1991, p. 113.

³ Marroqui, **La Ciudad de México**, vol. 1, p. 259-160.

A vegetação e o panorama do seu terraço deslumbraram os visitantes estrangeiros mais sensíveis. Inúmeros viajantes registraram o encanto do panorama, como o letão Ernst Ebel em 1824: "...tendo ao fundo um terraço murado de pedra no qual as ondas vêm bater e de onde se goza a brisa do mar e de uma vista encantadora sobre a baía".⁴ O suíço-alemão Carl Seidler entre os anos 1820 e 1830 escreveu:

a vista de cima desse parapeito é indescritivelmente bela...; bem em frente fica a barra, onde projetadas nas nuvens azuis brilham as velas brancas, como asas de cisnes, dos navios que incansavelmente entram e saem. Centenas de botes e canoas remam constante para um lado e para outro, segundo suas diversas fainas e esperanças; serenas e imponentes emergem do seio das ondas espumantes, diante de nosso olhar maravilhado, as numerosas ilhas e as fortificações; e nos olham as torres das igrejas da cidade imperial, advertindo-nos com suave tanger de sinos. É como se recebêssemos de longe uma saudação de espíritos e temos a sensação de que um coração humano esperançoso não pode ser simples átomo no grande todo do universo.⁵

O norte-americano Thomas Ewbank se deslumbrou em 1846: "nesse momento basta virarmos para ficarmos sobre um terraço perto da baía cuja beleza e perspectiva encantadora se foram igualadas, não poderão ser excedidas."⁶ O terraço do Passeio Público, em noites de verão, quando o céu se recama de estrelas, é superior aos balcões de Veneza, a todos os jardins de Granada sem excluir os dos reis mouros,"⁷ registrou o escritor francês Charles e Ribeyrolles em 1858.

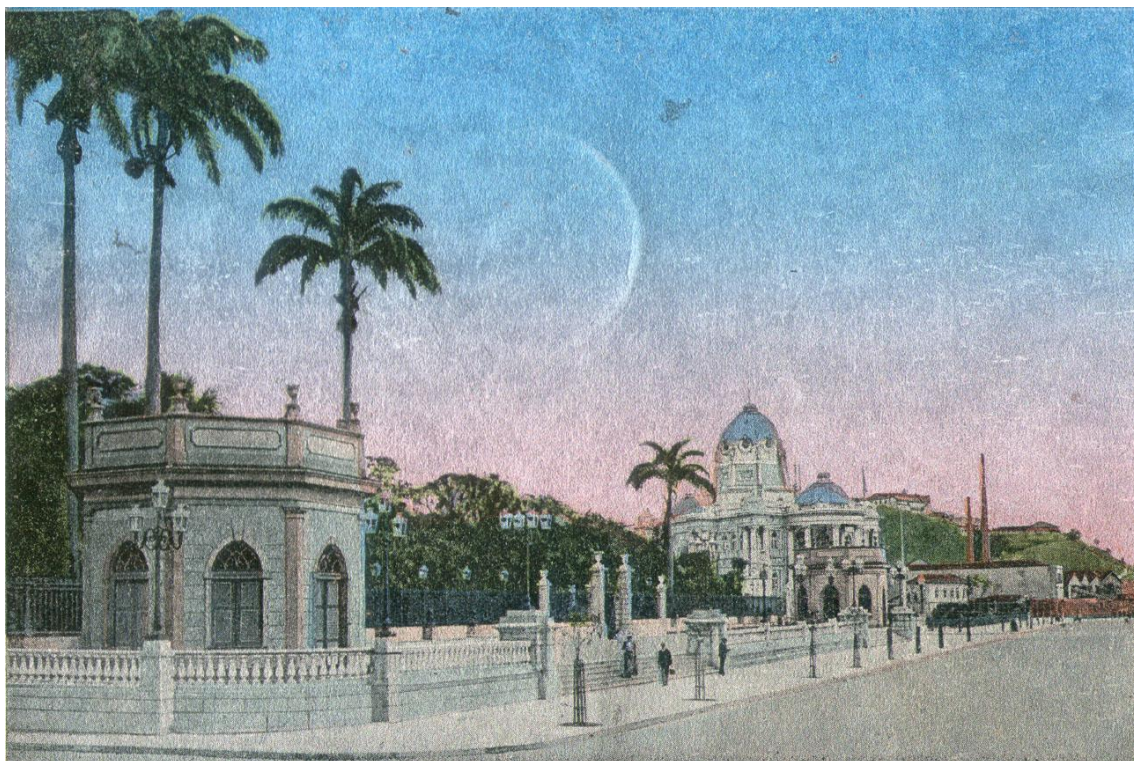


Figura 2 – Rio de Janeiro. Postal do Passeio Público datado de 1907 com o antigo terraço do qual se avistava a baía da Guanabara. No começo do século XX, aterros sucessivos tiraram a condição de um recinto junto ao mar.

⁴ EBEL, Ernst. **O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824**. São Paulo: Editora Nacional, 1972, p. 85.

⁵ SEIDLER, Carl. **Dez anos no Brasil**. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1980, p. 62.

⁶ EWBANK, Thomas. **A vida no Brasil**, ou Diário de uma visita à terra do cacauero e das palmeiras, com um apêndice contendo ilustrações das artes sul-americanas antigas. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1976, p. 68.

⁷ RIBEYROLLES, Charles de. **Brasil pitoresco**: história, descrição, viagens, colonização, instituições. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1980, p. 191-192.

O Passeio Público do Rio de Janeiro documenta o surgimento, no século XVIII, de lugares especificamente desenhados para a apreciação da paisagem marítima. O belvedere como lugar de contemplação está na origem do advento do gosto pelo panorama. O belvedere marítimo é uma inovação que surgiu com a apreciação do espetáculo do mar. Antes disso, a organização das construções nas áreas litorâneas usualmente voltava as costas para as águas. O surgimento de estruturas chamadas de esplanades, terraces e marine parades, pelos ingleses, ou certas práticas mediterrâneas que deram origem a termos como Marina ou Montpellier, revelava a nova disposição de permanecer e usufruir as delícias à beira-mar.

O Passeio é um exemplo desses mirantes à beira d'água, necessariamente relacionados com espaços arborizados e, nesse sentido, antecedeu aos inúmeros congêneres europeus que se multiplicaram ao longo do século XIX. A organização espacial que se opera no Passeio Público, no entanto, revela uma extraordinária justaposição de sentidos. A paisagem de árvores, flores e jardins era o domínio do repouso e da harmonia, espaço edênico mitificado e idealizado pelo ser humano. O mar, ao contrário, pelo mistério de seu vazio insondável, era o abismo desconhecido a se desvendar, fascinante paisagem a infundir terror e respeito, o não-domínio do ser humano. O terraço do Passeio Público era a tênue linha das suscetibilidades humanas: ao ser humano concedia-se a simultaneidade de defrontar-se com duas paisagens antitéticas, desafiando os seus anseios de formular um imaginário capaz de explicar as raízes da existência, o seu relacionamento com a natureza e o mundo.

Já tivemos oportunidade de desenvolver essa tese em dois trabalhos anteriores, dos quais retomaremos alguns fundamentos para suportar o presente ensaio.⁸

SURGIMENTO, DISPERSÃO E UTILIDADE DOS JARDINS PÚBLICOS

Os vice-reinados da Nova Espanha (instituído em 1535) e Peru (instituído em 1542) foram áreas prioritárias na estratégia de ocupação da porção espanhola da América. Suas capitais tiveram a primazia de abrigar os primeiros passeios públicos americanos: a Alameda do México **Erro! Indicador não definido.** em 1592, e a Alameda de los Descalzos de Lima, em 1609. Ambas as alamedas foram criadas antes da maioria dos passeios europeus, e denotam a importância desses vice-reinados para a coroa espanhola.

Como já dito, no Brasil, o Passeio Público do Rio de Janeiro foi criado pelo vice-rei D. Luís de Vasconcelos entre 1779 e 1783, de acordo com um projeto atribuído ao Mestre Valentim.

A segunda metade do século XVIII foi pródiga em registrar inúmeros recintos ajardinados construídos para a população, entre outros: Paseo de las Aguas, a recuperação da Alameda de los Descalzos

⁸ Conferir: SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Nobel; Fapesp, 1996; SEGAWA, Hugo. Alamedas y Paseos en la América colonial. In: BERJMAN, Sonia; SÁNCHEZ NEGRETTE, Ángela. (Org.). **Maestría en Gestión del Ambiente, El Paisaje y el Patrimonio**: Clases Magistrales de Profesores Extranjeros. Corrientes, Argentina: Universidad Nacional del Nordeste; Facultad de Arquitectura y Urbanismo, 2006, p. 103-119; esse ensaio foi publicado em português, com revisão: SEGAWA, Hugo. Alamedas e passeios na América Colonial. In: ALVES, Ida, LEMOS, Masé, NEGREIROS, Carmem (Org.). **Estudos de paisagem: literatura, viagens e turismo cultural**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014, p. 331-347.

Alameda de Acho e Alameda de Las Cabezas, todas em Lima; o Paseo Bucareli, o Paseo de la Viga, o bosque Chapultepec e a ampliação da Alameda, no México; o Paseo Extramuros e o jardim botânico em Havana; a alameda de Caracas; a Alameda Vieja e Alameda Nueva em Bogotá; a alameda de Buenos Aires; o Paseo de La Cañada e o Paseo de Los Tajamares, em Santiago. Vários núcleos de segunda ou terceira ordem também tiveram seus passeios nessa época: Daxabón e Santa Marta no Peru; San Felipe, El Real, San Fernando, Santa Rosa de Los Andes, San José de Buenavista, Parral, Villarrica, Chillán, Melipilla, Osorno, Rancagua, Serena no Chile.⁹

Anota Gabriel Guarda que as cidades chilenas no século XVIII guardavam uma característica de implantação remanescente das ordenações espanholas medievais. Os aglomerados eram cercados por cañadas, vales ou caminhos em que transitavam certa classe de rebanhos, conforme as estações, para os distintos campos de pastoreio. As cañadas permaneceram na estruturação das cidades, independentemente do tráfego de animais. Padre Guarda observa que para Santiago e Serena—núcleos mais antigos—, as cañadas tinham outra finalidade:

Separavam o centro urbano significativo de seus ejidos [ou rossios, o equivalente português], margeadas por salgueiros e álamos, recebiam o nome genérico de alamedas, lugar preferido de passeio para os habitantes nas refrescantes tardes de estio, que aproximam a população da presença próxima do campo e a imponente vista dos Andes, praticamente comum às cidades chilenas. Em 1792, o presidente (sic) Berroeta comunicava ao rei seu trabalho [na cañada] de Santiago, “única diversão e desafogo que tem esta cidade e suas vizinhanças”; replantava então três ruas de salgueiros e outras árvores com a qualidade e condição de ter ‘corrientes’”.¹⁰

O historiador chileno ainda revela outra persistência: na *Instrucción que puede tenerse presente en la fundación de los Pueblos que se forman por el mandato de S. M. en el Reino de Chile, entre los límites del Valle de Copiapó, y la frontera del río Bío-Bío*, publicada em Madri em 1744, recomendava-se que as cañadas servissem como passeio, aleia e limite da aglomeração, de modo que “gozam todas as povoações da formosura, simetria e pureza do ar como da cidade de Santiago e outras da América”.¹¹

No mundo hispânico, tão ou mais significativa que a *cañada*, foi o *ejido* (derivado do latim *exitus*, saída), o limite do núcleo urbano e potencial área de expansão, campo comum para todos os habitantes do aglomerado, território extra urbano não edificável e aproveitado como área de recreação, trânsito de carga e produtos agrícolas. Corresponde ao rossio português, conhecido na legislação de terras no Brasil.¹² Segundo Maria Dolores Muñoz Rebolledo, “será nos ejidos onde, mais de uma vez, com o decorrer do tempo e o crescimento das cidades, criaram-se espaços públicos naturais como passeios e jardins botânicos”.¹³

Em um manuscrito anônimo no México, datado de 24 de novembro de 1788, *Reflexiones y Apuntes sobre varios objetos que interesan a la salud pública y la policía particular de esta ciudad de México, si adaptasen las providencias o remedios correspondientes*, o capítulo XVIII está dedicado ao Paseo de

⁹ GUTIÉRREZ, 1983; MUÑOZ REBOLLEDO, Maria Dolores. El impacto ambiental de las ciudades coloniales. *Arquitecturas del Sur*, Concepción, Chile, n. 19, p. 2-8, 1993.

¹⁰ GUARDA, Gabriel. *La ciudad chilena del siglo XVIII*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1968, p. 68-69.

¹¹ Idem, p. 68.

¹² Conferir MARX, 1989, 1991.

¹³ MUÑOZ REBOLLEDO, 1993, p. 7.

Bucareli e à Alameda. Deve ser um documento escrito por um autor próximo ao vice-rei Bucareli, criador desse passeio:

Não são necessárias demasiadas razões para se persuadir o quão regular e útil que é tratar-se de qualquer sítio para o qual concorra gente para desafogar-se e passear (chame-se passeio, prado, alameda, tulherias ou tenha qualquer outra denominação), que em sua simetria, limpeza, piso plano e amenidade, não só contemple a vista e o olfato, mas também contribua com outras comodidades e atrativos, ao recreio e à saudável diversão dos que o frequentam.¹⁴

Essas ideias não estão distantes daquelas enunciadas por Leone Battista Alberti em seu tratado *De Re Aedificatoria*, publicado em 1485:

Entre as obras públicas devemos considerar os passeios públicos, nos quais os jovens se exercitam [...] e onde os velhos caminham para tomar ar, ou, se estão enfermos, são conduzidos para recuperar a saúde. Celsus, o médico, diz que é melhor se exercitar ao ar livre que em lugar fechado; mas que se deve exercitar mais comodamente na sombra...¹⁵

Outra consideração de Alberti reforçava o significado de reunir pessoas:

Sem dúvida, Moisés desejou que as pessoas, ao se reunirem com frequência em festas públicas, pudessem se tornar mais humanas e se relacionar com maior proximidade com vínculos de amizade. Então imagino que nossos ancestrais instituíram apresentações públicas nem tanto pela diversão em si, mas pelo proveito disso decorrente.¹⁶

Em meados do século XVI, o tratado de Alberti era conhecido na Nova Espanha. O vice-rei D. Antonio de Mendoza (governador entre 1535 e 1550) possuía a edição de 1512 de Paris do *De Re Aedificatoria*, cujo exemplar foi encontrado com anotações do próprio Mendoza. Esse vice-rei introduziu melhoramentos no Bosque de Chapultepec, o jardim pré-hispânico utilizado para fins recreativos pelos espanhóis desde 1528¹⁷ e seu sucessor, D. Luis Velasco, foi o criador da Alameda do México.

O viajante inglês John Barrow, que acompanhou a missão de Lord George Macartney para a China nos anos 1792 e 1793, fez uma das primeiras descrições do Passeio Público do Rio de Janeiro:

Outro objeto de utilidade, no qual a saúde e a diversão do público foram tomadas em consideração, é o Paseo Publico (sic), ou jardim para o passeio público [nota: a redundância deve-se à tradução para o português]. Este terreno é disposto com arbustos, gramados, alamedas e canteiros. Aqui e ali se elevam caramanchões, nos quais se entrelaçam jasmins, clematites e maracujás, com seus galhos e trepadeiras. Nós observamos várias plantas nativas de grande beleza; mas uma veemente vontade parecia prevalecer em cultivar, preferencialmente, plantas de origem europeia, não obstante sua doentia e pouco apreciável aparência, contraídas num clima tão inadequado para sua constituição. [...]. Um grande terraço na parte final do jardim, mirando uma parte da enseada, dominava uma encantadora vista das orlas emergindo das águas, em toda parte rendilhadas com matas. Em cada ponta do terraço há um elegante pavilhão quadrado, cujos interiores abrigam pinturas.¹⁸

¹⁴ Apud GONZÁLEZ POLO, Ignacio (Ed.). **Reflexiones y apuntes sobre la Ciudad de México**. México: Colección Distrito Federal, 1984, p. 83.

¹⁵ ALBERTI, Leone Battista. **Ten Books on Architecture**. London: Alec Tiranti, 1955, p.181.

¹⁶ Ibid., p. 175.

¹⁷ TOVAR DE TERESA, Guillermo. La Utopía del Virrey de Mendoza. In TOVAR DE TERESA, Guillermo, LEON-PORTILLA, Miguel, ZAVALA, Silvio. **La Utopía Mexicana del Siglo XVI**. Lo Bello, lo Verdadero y lo Bueno. México: Grupo Azabache, 1992, p.19-33.

¹⁸ BARROW, John. **A Voyage to Conchinchina in the years 1792 and 1793**. London: T. Cadell & W. Davies, 1806, p. 81.

Os documentos citados por Gabriel Guarda, o manuscrito anônimo no México de 1788 e a descrição de John Barrow resumem alguns aspectos de organização das vilas e cidades coloniais; os usos, intenções e forma das alamedas e passeios.

A América foi um laboratório para o urbanismo europeu. Conceitos urbanísticos pouco aplicados no Velho Mundo chegaram à América com a colonização. Amostras das novas ideias encontraram terreno fértil na implantação de cidades e vilas. Na hispano-américa, as estruturas urbanas estabelecidas pelas *Leyes de Índias*, ou as *Ordenanzas de Descubrimiento, Nueva Población y Pacificación de las Índias*, compiladas sob Felipe II em 1573,¹⁹ fundaram marcos simbólicos em seus domínios: edifícios administrativos, militares e religiosos e as plazas mayores eram referências destacadas de soberania.²⁰ No Brasil, quase todas as tipologias de edifícios marcantes assinalavam a presença da coroa portuguesa, embora não tenha havido espaços equivalentes às plazas mayores ou plazas de armas na constituição das vilas e cidades brasileiras.²¹ Tanto nos padrões espanhóis como nos portugueses, os espaços abertos estavam relacionados com edifícios ou conjuntos significativos. Plaza de la Constitución, Plaza de Armas, Plazuela de la Merced, Plaza de San Francisco, Largo da Sé, Largo do Pelourinho, são toponímias usuais em assentamentos coloniais que expressam a proximidade a uma edificação de autoridade governamental, militar ou religiosa. As alamedas, paseos e passeios não eram estruturas previstas em nenhuma norma urbanística colonial. Nem sempre se prestavam para emoldurar monumentos, embora existam ocorrências de vizinhança desses edifícios ou conjuntos. Ao contrário, como um insubordinado da hierarquia colonial, era um monumento à vegetação, à natureza, um monumento a si mesmo.

OITO APROXIMAÇÕES

Vamos nos debruçar sobre alguns espaços públicos ajardinados criados no último quartel do século XVIII em Goiás (Brasil), Querétaro e Veracruz (México) e Trujillo (Peru); e da primeira metade do século XIX, em Ayacucho (Peru), Zacatecas e Campeche (México) e tardiamente o passeio público de Fortaleza (Brasil). São estudos de caso nos quais, no atual estágio de pesquisa, identificamos algumas premissas em comum. Procuramos elaborar mapas sobre os quais se sobrepôs graficamente um estudo de percursos. Eixos de conexão são vias que presumivelmente caracterizam a possibilidade de itinerários diretos entre o 'coração' da vila ou cidade (aqui entendido como o lugar urbano de importância na sua constituição, como as plazas de armas ou plazas mayores da urbanização espanhola, os as igrejas matrizes e casas de câmara e cadeia na realidade luso-brasileira) com a

¹⁹ MARGADANT, Floris. "Las Ciudades Novohispanicas ante el derecho". In: **La ciudad concepto y obra** (VI Coloquio de Historia del Arte). México: Universidad Autónoma de México, 1987, p. 11-13; MORALES FOLGUERA, José Miguel. **La construcción de la Utopía – El proyecto de Felipe II (1556-1598) para Hispanoamérica**. Madrid: Biblioteca Nueva, Universidad de Málaga, 2001.

²⁰ GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica**. Madrid: Cátedra, 1983; ROMERO, José Luis. **Latinoamérica: las ciudades y las ideas**. 2 ed. México: Siglo Veintiuno, 1976; ROJAS-MIX, Miguel. **La plaza mayor: el urbanismo, instrumento de dominio colonial**. Barcelona: Muchnik, 1978; BERJMAN, Sonia. **La plaza española en Buenos Aires, 1580-1880**. Buenos Aires: Kliczkowski, 2001.

²¹ REIS, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil, 1500-1720**. 2 ed. São Paulo: Pini, 2000; MARX, Murillo. **Cidade no Brasil terra de quem?** São Paulo: Edusp; Nobel, 1991; MARX, Murillo. **Nosso chão: do sagrado ao profano**. São Paulo: Edusp, 1989.

alameda ou passeio, bem como a distância entre esses dois logradouros, para um conhecimento do quão afastado ou não lugares públicos foram projetos nesse passado.

Em cada caso, nomearam-se esses eixos de conexão para precisa caracterização desses trajetos – toponímias que baseamos nos nomes constantes no Google Maps (para uma melhor verificação de quaisquer interessados na busca e localização dessas vias, mesmo que tais denominações possam não ser totalmente mais corretas) e as bases aerofotogramétricas do Google Earth. O cuidado foi sempre dispor os mapas com o norte direcionado para cima, exceto na base para Ayacucho.

GOIÁS, BRASIL

Elevada à condição de vila em 1736, e sede administrativa com a criação da capitania de Goiás em 1848, o centro urbano sofreu grandes transformações durante o governo de Luiz da Cunha Meneses entre 1778 e 1783. Desse período é a implantação do Passeio Público, o segundo no gênero no Brasil, ou talvez contemporâneo ao Passeio Público construído entre 1779 e 1783 na capital do vice-reino, o Rio de Janeiro. Vila originária dos movimentos de mineração de meados do século XX no planalto central do Brasil, seu traçado não ostenta a ortogonalidade de suas congêneres hispano-americanas, mas relação orgânica com os procedimentos e formas de ocupação dos assentamentos de mineração que povoaram as Minas Gerais e do centro-oeste da colônia no século XVIII. O Passeio Público (Figura 1, legenda 1) em uma de suas extremidades situava-se a não mais de 200 metros de distância da igreja matriz (legenda 2). Sua construção se dá em convivência com pré-existências significativas: rodeando o Chafariz de Cauda da Boa Morte²² (que dá o nome atual ao logradouro, Largo do Chafariz), construído em 1778, e a Casa de Câmara e Cadeia, erguida em 1766.²³



Figura 3 – Goiás, Brasil. 1. Área do Passeio Público; 2. Largo da Matriz.

²² LARGO do Chafariz: conjunto arquitetônico e urbanístico (Goiás, GO). Portal Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_belas.gif&Cod=1227>. Acesso em: 27 jul. 2017.

²³ VIEIRA JR., Wilson, BARBO, Leonora de Castro. Casa de Câmara e Cadeia da Capitania de Goiaz: espaço e representação. SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 4, 2011, Porto. Disponível em: < <http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/43.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.



Figura 4 – Goiás, Brasil. Área onde foi o antigo Passeio Público. À esquerda, o chafariz atual, à direita, em primeiro plano, a Casa de Câmara e Cadeia.

QUERETARO, MÉXICO

Considera-se o ano de 1531 como o de fundação da cidade de Querétaro (Figura 5), região de disputas entre os conquistadores espanhóis e culturas pré-hispânicas em sua origem. O Parque Alameda (legenda 1) estabelece pelo menos dois vínculos com referências urbanas significativas: (a) a Avenida Luis Pasteur Sul – um dos limites da alameda – é o eixo de conexão com a Plaza de Armas de Querétaro (legenda 2), que não abriga em seu recinto a catedral da cidade; (b) a Calle Corregidora, outra via de limite da alameda, é a conexão para o atual Jardín Zenea (legenda 3), anteriormente adro do Templo e outrora Convento Grande de San Francisco, conjunto construído entre meados do século XVI e final do século XVII, “onde se juntam todos os caminhos que conduzem à zonas comerciais e de mineração mais importantes antes, durante e depois da invasão espanhola”.²⁴ A distância entre a frente do templo franciscano e a Alameda é de cerca de 525 metros; da Plaza de Armas, cerca de 460 metros. É possível estabelecer um quadrilátero quase regular formado pelos limites sul da Alameda e a atual Calle 5, que liga o Jardín Zenea e a Plaza Mayor (ligando os pontos 1, 2 e 3 da legenda).

O projeto inicial da Alameda de Querétaro data de 1797, de autoria de José Mariano de Oriñuela, cuja execução efetiva não se deu ao tempo de sua concepção original.²⁵ O quadrilátero regular do projeto previa lados iguais de 336 metros, que corresponde grosso modo aos perímetros atuais da Alameda.

²⁴ ZAVALA, José Félix. El convento Grande de San Francisco en Querétaro. **El oficio de historiar**, 19 maio 2008. Disponível em: <<http://eloficiodehistoriar.com.mx/2008/05/19/el-covento-grande-de-san-francisco-en-queretaro>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

²⁵ SILVA MANDUJANO, Gabriel. Crecimiento poblacional y recreación urbana. La Alameda de Querétaro. 1795-1804. In: RIVERA REYNALDOS, Lisette Griselda, PÉREZ ACEVEDO, Martín (Coords.). **Querétaro:**

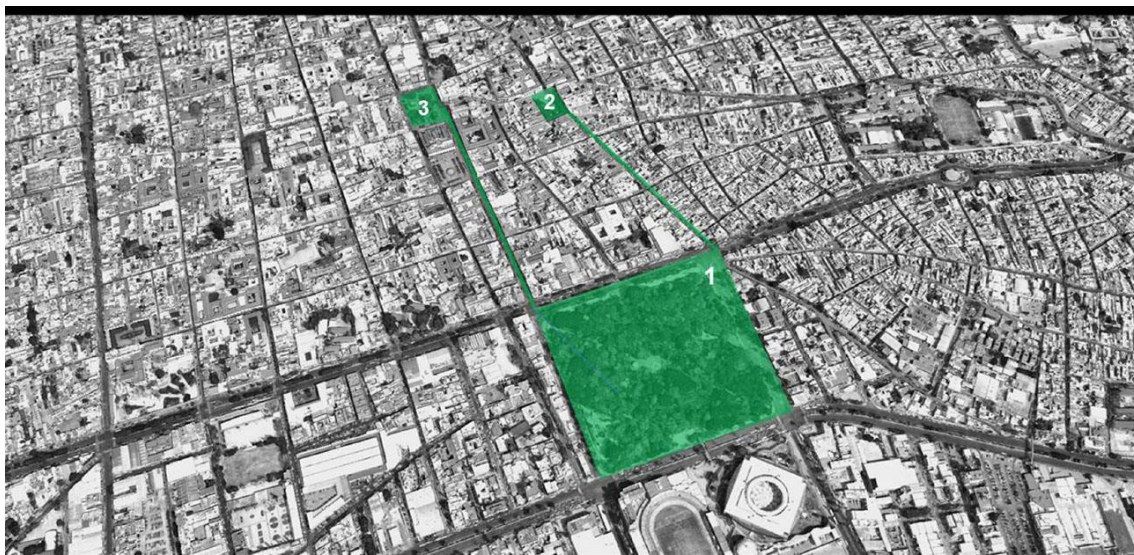


Figura 5 – Querétaro, México. 1. Alameda; 2. Plaza de Armas; 3. Jardín Zenea.

AYACUCHO, PERU

A segunda fundação da vila de Huamanga remonta a 1540. Foi renomeada para Ayacucho a partir de 1825. Conforme se vê no “Plano Topografico de la Ciudad de Ayacucho, publicado en 1865”²⁶ (Figura 6), ao sul da Plaza Mayor (legenda 21), situa-se um logradouro denominado Alameda. Na situação atual (Figura 7), a hoje chamada Plaza de Armas (legenda 2) conecta-se por meio de dois eixos, a 28 de Julio e 2 de Mayo, convergindo à hoje Alameda Bolognesi ou Alameda Marqués de Valdelirios (legenda 1), nome de seu criador em 1806.²⁷ Ao longo de cerca de 950 metros que separam a Plaza de Armas e a alameda, as duas vias percorrem várias referências urbanas destacadas na planta de 1865, como o conjunto dos jesuítas, o Templo de la Merced, o Convento de San Francisco, o antigo Quartel de Santa Catalina, o Templo e plaza de Santa Teresa, a Igreja de San Cristobal, a Plaza del Mercado, e o Templo San Juan de Dios. Um desenho do Arquivo de Sevilha documenta um projeto da Alameda de 1806 (Figura 8), mas sua consolidação sucedeu ao longo do século XIX. Na planta de 1865, uma medição grosseira a partir do petipé da planta, estima-se as dimensões da alameda como algo em torno de 230 metros de comprimento por 53 metros de largura.

interpretaciones de su historia: cinco ensayos. Morelia, Michoacán: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo; Instituto de Investigaciones Históricas, c1998, p. 85-121.

²⁶ ATLAS geográfico del Perú, publicado a expensas del Gobierno Peruano, siendo presidente el Libertador Gran Mariscal Ramón Castilla, por Mariano Felipe Paz Soldán. Paris: Librería de Augusto Durand, 1865.

²⁷ ALAMEDA Marqués de Valdelirios. Programa P>D Patrimonio para el Desarrollo. Centro Histórico Huamanga. Disponível em:
<http://www.programapd.pe/rch/ch_huamanga/index.php?option=com_content&task=view&id=61&Itemid=94>.
Acesso em: 2 jul. 2017.

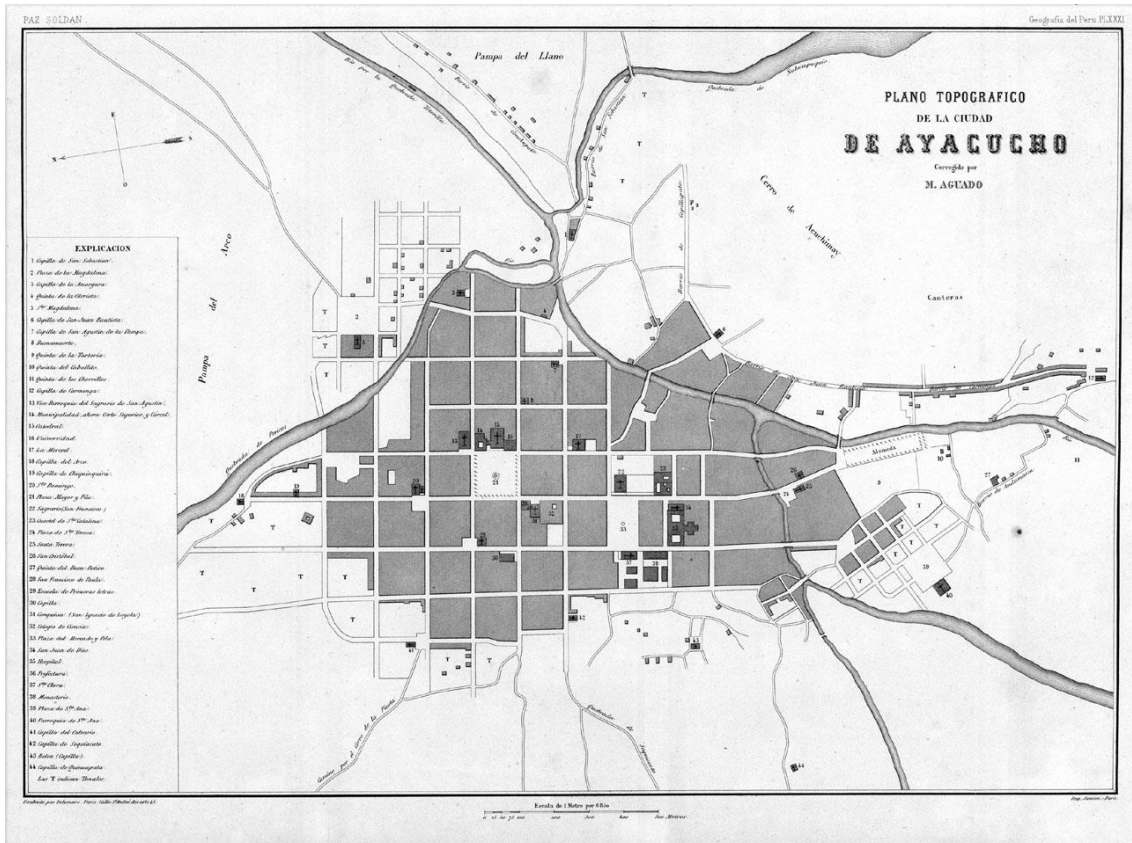


Figura 6 – Ayacucho, Peru. Planta de 1865.

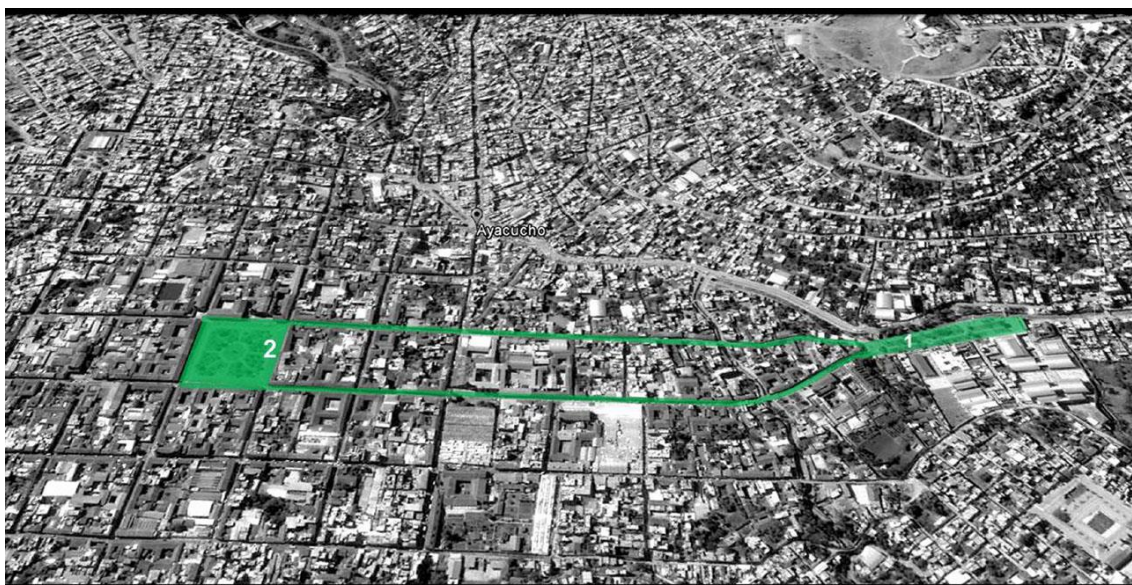


Figura 7 – Ayacucho, Peru. 1. Alameda; 2. Plaza de Armas.

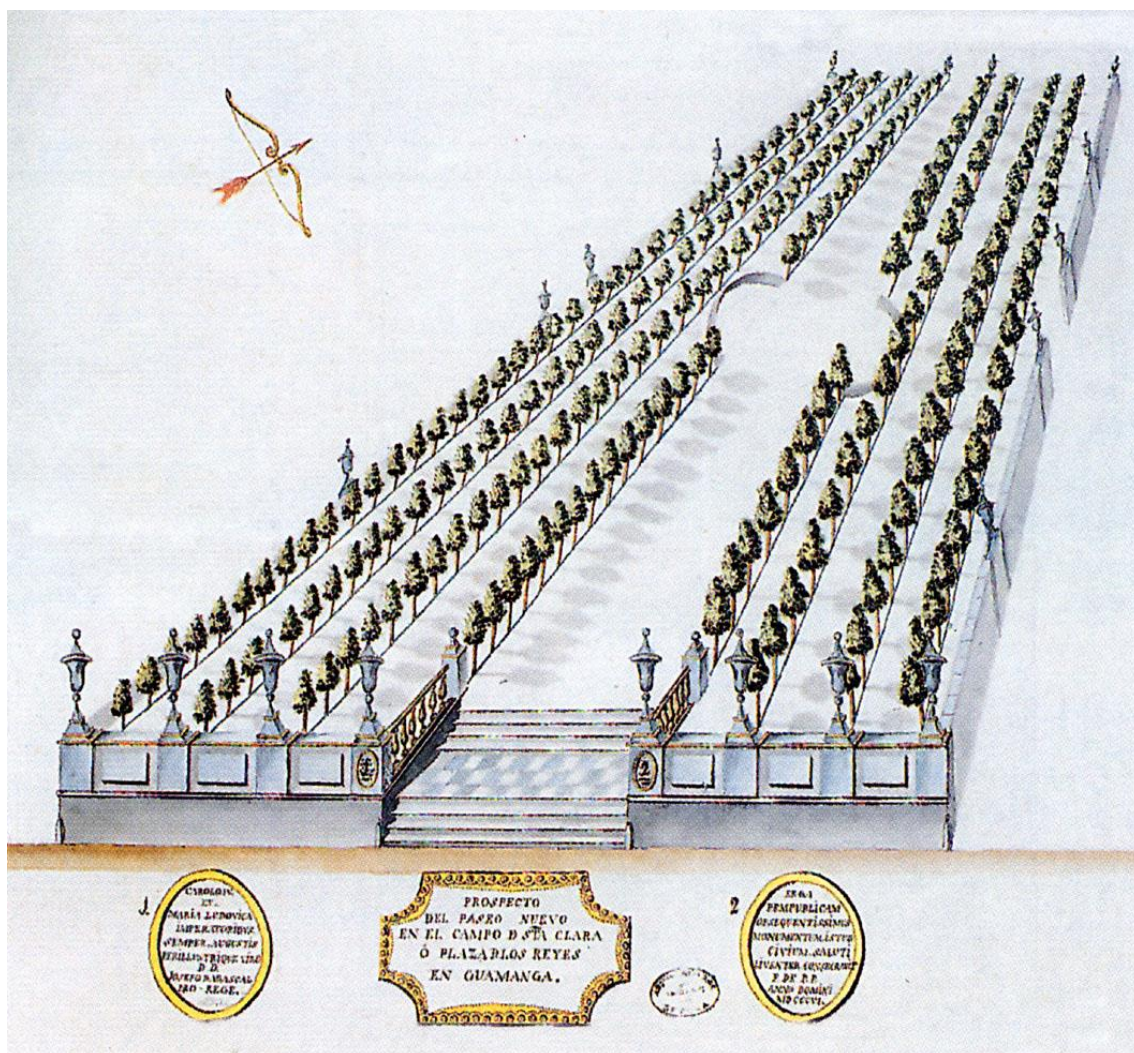


Figura 8 – Ayacucho, Peru. Projeto para o Paseo Nuevo, 1806.

ZACATECAS, MÉXICO

Zacatecas, cidade de mineração fundada em 1546 (Figura 9) ostenta duas condições peculiares: (a) seu traçado não tem o rigor ortogonal das urbes da colonização hispânica; (b) não há uma plaza de armas configurada como usualmente se conhece no vice-reinado do México.

Os edifícios governamentais e a catedral situam-se em torno de um espaço aberto na Avenida Hidalgo. A Catedral Basílica não possui um adro frontal, mas em sua lateral esquerda (legenda 2), constituindo o espaço de concentração dos edifícios governamentais, equivalente ao centro fundacional no urbanismo hispano-americano. O atual Parque Alameda de Zacatecas tem antecedentes como um pequeno jardim público no final do século XVIII, que foi transformado e ampliado a partir de 1831. Um jardim contíguo, o antigo Jardín Morelos, atual Jardín de la Madre, foi executado em 1865-1866 como continuidade de área ajardinada.²⁸ No encontro da alameda com esse jardim (legenda 1) é onde desagua a via Fernando Villalpando, o eixo conector com o coração da cidade, mas que não conduz à plaza de armas, mas à Plazuela de Santo Domingo (legenda 3), onde se encontram o Templo de Santo

²⁸ RAMOS DÁVILA, Roberto. *Plazas, plazuelas y jardines de Zacatecas*. 4. ed. Zacatecas: Fundación Roberto Ramos Dávila, 2005, p. 83-90.

Domingo, fundada como igreja dos jesuítas em meados do século XVIII, e o antigo colégio jesuítico, atual Museo Pedro Coronel. Os dominicanos ocuparam os recintos após a expulsão dos jesuítas em 1767 do México.



Figura 9 – Zacatecas, México. 1. Alameda; 2. Plaza de Armas; 3. Plazuela de Santo Domingo.

Em Zacatecas, não se estabelece uma relação direta de vias de ligação entre a alameda e o coração da cidade. O percurso conecta o jardim com a plazuela do segundo mais imponente templo de Zacatecas, a outrora igreja dos jesuítas e seu colégio, na Plazuela de Santo Domingo. Como referências urbanas, a Catedral Basílica e o Templo de Santo Domingo constituem o conjunto monumental mais importante do coração da cidade, e se ligam por uma modesta via, a De Veyna. A distância entre a Alameda e a Catedral, por esse percurso, é de cerca de 583 metros.



Figuras 10 e 11 – Zacatecas, México. Alameda em 2009.

A Alameda de Zacatecas tem uma proporção vantajosa em relação à escala da cidade, com cerca de 375 metros de comprimento e largura variável, média de 45 metros, uma das maiores áreas livres ajardinadas entre as alamedas de tipologia linear no México.

TRUJILLO, PERU

A terceira maior cidade do Peru (figura 12) ainda hoje guarda em seu centro histórico a marca do traçado ortogonal regular de vias, circunscrito pelo outrora muro desenhando os seus limites dentro da geometria de uma elipse, construída entre 1687 e 1690,²⁹ que atualmente corresponde à Avenida España, realizada sobre o traçado do muro, à maneira da Ringstrasse de Viena. Trujillo, fundada em 1534-1535, tem em sua Plaza de Armas (legenda 2) todo o conjunto institucional do poder do vice-reinado, inclusive a Catedral Basílica de Santa María, de meados do século XVII. A Jirón Orbegoso é o eixo de conexão pelo qual se alcançaria a alameda de Trujillo, recinto extramuros ao longo de uma via de saída a noroeste da cidade. A alameda não existe tal como no período colonial, de configuração linear, conforme registra cartografia de Martínez de Campañon de 1786 (Figura 13, legenda 7).³⁰ Aproximadamente na mesma área da outrora alameda está uma área arborizada, na esquina das avenidas España e Mansiche (Figura 12, legenda 1), junto ao Estádio Mansiche. A distância entre a Plaza de Armas e a área da antiga alameda é de cerca de 450 metros.

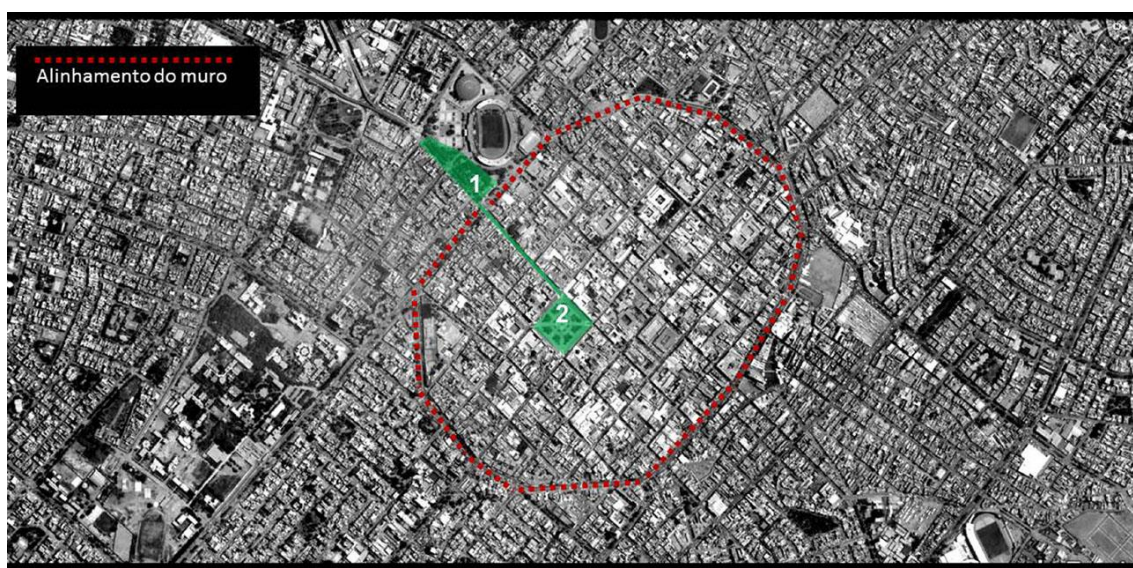


Figura 12 – Trujillo, Peru. 1. Localização da antiga Alameda; Plaza de Armas.

²⁹ VEGA CÁRDENAS, Miguel Adolfo. La muralla de Trujillo del Perú. **Historia Documental del Trujillo del Perú**. Peru, 1 ago. 2008. Disponível em: <<http://historiadocumentaldetrujillodelperu.blogspot.com.br/2008/08/la-muralla-de-trujillo-del-per.html>>. Acesso em 4 jul. 2017.

³⁰ MARTÍNEZ DE CAMPAÑON, Baltasar Jaime. Plano de la Ciudad de Truxillo del Perú en la Latitud Austral de 8.g^s.6.m.^s 3.seg.^s y en 296.g.^s 33.m.^s de Longitud. Dedicado a su Majestad por su actual Obispo, [1786]

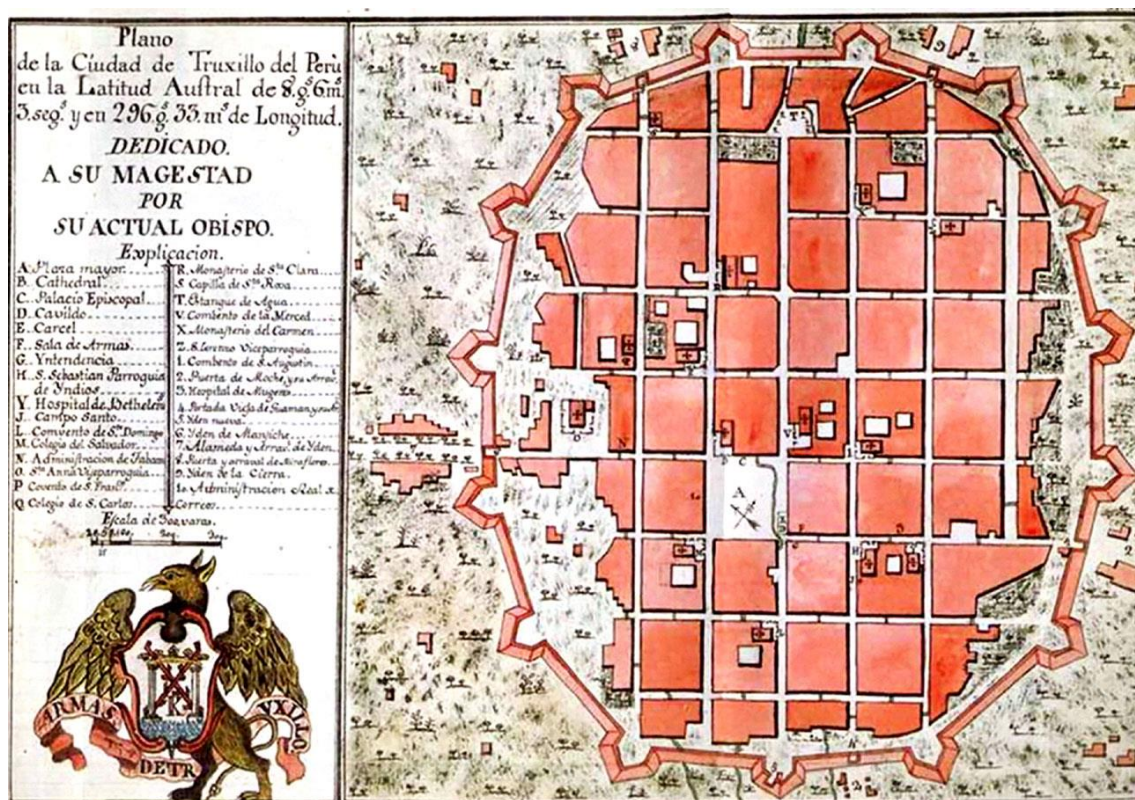


Figura 13 – Plano de Trujillo de 1786. A Alameda situa-se extramuros, perpendicular à esquerda da muralha.

VERACRUZ, MÉXICO

Embora oficialmente fundada em 1519, o assentamento atual de Veracruz (Figura 6), uma das mais importantes cidades portuárias do Golfo do México, consolidou-se a partir de 1599. Cidade amuralhada na primeira metade do século XVII, os muros começaram a cair em 1880 com a modernização da infraestrutura do porto³¹ (Figura 14). A Plaza Mayor, ou Zócalo de Veracruz (legenda 2), para a qual se volta a Catedral – Iglesia de Nuestra Señora de la Asunción –, tem na via Independencia o eixo de conexão com a área correspondente à outrora alameda (legenda 1). Na cartografia e iconografia para trás do século XIX, esse logradouro extramuros tinha configuração linear, acompanhando uma via de saída da cidade para o interior, pela porta de la Merced. O atual Parque Zamora se implantou na mesma área, sem, contudo, seguir o traçado durante o vice-reinado. A distância atual entre o Zócalo e o parque é de cerca de 600 metros.

³¹ CIUDAD Y puerto de Veracruz. México D.F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2015, p. 13-19.

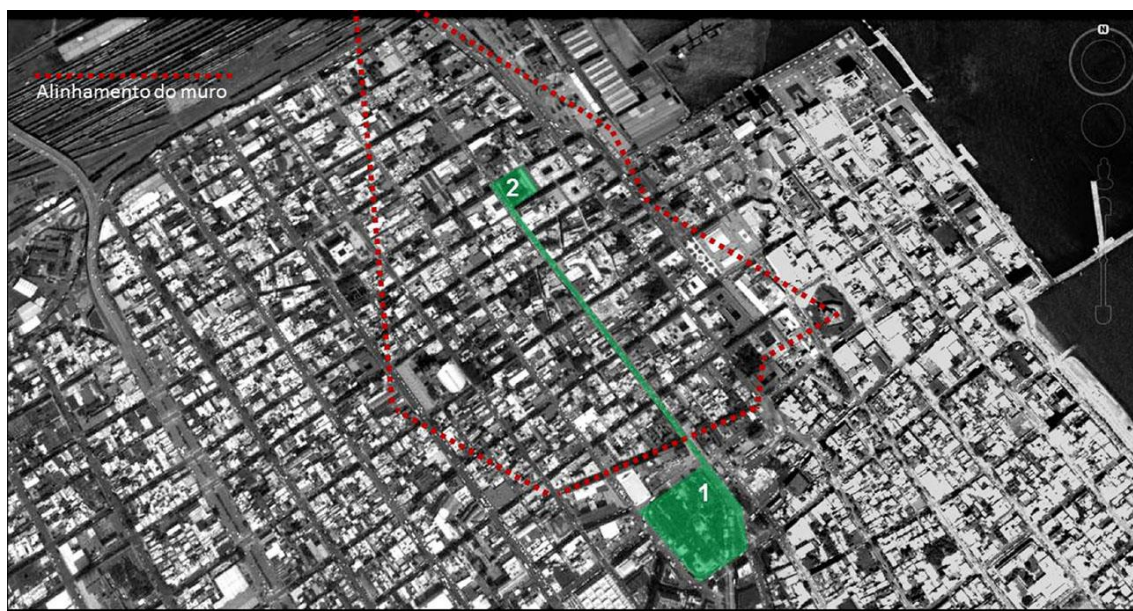


Figura 14 – Veracruz, México. 1. Parque Zamora; 2. Zócalo.

CAMPECHE, MÉXICO

A vila de Campeche, na península de Yucatán, foi fundada em 1540. Cidade a partir de 1777, é um dos núcleos urbanos portuários do México que ainda hoje conservam parte de suas muralhas, datadas do final do século XVII (Figura 15). A Calle 57, uma das vias de perímetro da Plaza Mayor, batizada Plaza de la Independencia em 1821³² (legenda 2) – para a qual se volta a Catedral de Nuestra Señora de la Purísima Concepción –, é o eixo de conexão com o Parque Alameda Francisco de Paula Toro (legenda 1), nome em homenagem ao seu patrocinador, chefe político e comandante militar de Campeche, criado em 1830. A Calle 57 termina no Baluarte de San Francisco. Extramuros, está a Alameda, reminiscência de um caminho para o bairro de Santa Ana, foi projetada pelo tenente de engenheiros Juan Estrada, com 181 metros longitudinais e 43 metros de largura.³³ A distância entre a Plaza Mayor e a Alameda é de cerca de 500 metros.

³² LEAL SOSA, Jacqueline. **La Plaza como eje rector de la vida en Campeche**. 2. ed. Campeche: Conaculta; INAH, 2003.

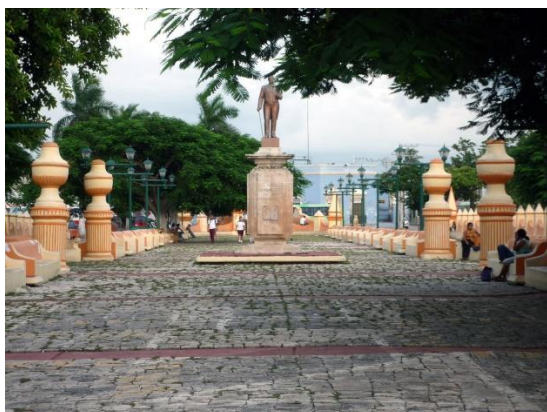
³³ PALACIOS-CASTRO, SERGIO c. La huella de Francisco de Paula Toro em el Puerto de Campeche. In: PERAZA GUZMÁN, Marco Tulio (Coord.). **Arquitectura y urbanismo virreinal**. Mérida, Yucatán: Facultad de Arquitectura, Universidad Autónoma de Yucatán, 2000, p. 188-192.



Figura 15 – Campeche, México. 1. Alameda; 2. Plaza Mayor.

A Alameda foi descrita por Jean-Frédérick Waldeck em seu livro *Voyage pittoresque et archéologique dans la province d' Yucatan pendant les années 1834 et 1836*:

Fora da porta que dá para o lado da terra, encontra-se um passeio chamado Alameda: à direita e à esquerda estão alinhados bancos de pedra, cuja série na distância é interrompida por pés de laranja. A parte média está reservada para os carros, espécies de carruagens com dois assentos, semelhantes aos de Havana, e que pertencem todos a particulares.³⁴



Figuras 16 e 17 – Campeche, México. Alameda em 2010. Em seu estado atual, a Alameda tem longitudinalmente cerca de 190 metros e transversalmente, 50 metros.

FORTALEZA, BRASIL

Fortaleza é elevada à categoria de vila em 1726, em torno de uma fortificação constituída em meados do século anterior. O seu traçado urbano regular se deve à ordenação proposta pelo tenente-coronel Antonio José da Silva Paulet a partir de 1812,³⁵ que adota uma malha ortogonal de vias em sua parte plana. Visualiza-se essa estrutura na planta de 1888 de Adolpho Herbster,³⁶ delineando-se as ruas Barão de Rio Branco (Figura 19, legenda A), Major Facundo (Figura 19, legenda B) e Floriano Peixoto

³⁴ Apud CAMPECHE. México D.F.: Multiguía Cultural; Grupo Azabache, 2009, p.64.

³⁵ CASTRO, José Liberal de. Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana de Fortaleza. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 108, 1994, p. 43-90.

³⁶ PLANTA da Cidade da Fortaleza Capital da Provincia do Ceará levantada por Adolpho Herbster Ex Engº da Provincia e Archº Aposentado da Camara Municipal. 1888.

(Figura 19, legenda C), traçadas perpendicularmente à área que se tornaria o Passeio Público (Figura 19, legenda 1),³⁷ e acolheria os endereços de prestígio na cidade, nos trechos até a altura da futura Praça do Ferreira.³⁸ Em meados do século XIX, a Praça Carolina (Figura 19, legenda 4) constituía o rossio da cidade, configurando com o Largo da Matriz ou Praça do Conselho (Figura 19, legenda 3), logradouro que reunia o templo principal e a câmara municipal,³⁹ o espaço que, grosso modo, poderia corresponder à plaza mayor ou plaza de armas da urbanização hispânica do período colonial pela reunião de edifícios institucionais.



Figura 18 – Fortaleza, Brasil. Passeio Público em cartão postal do início do século XX.

³⁷ FORTALEZA evolução urbana (1603-1979). Fortaleza: Coordenadoria de Desenvolvimento Urbano, s.d., p. 16-22.

³⁸ CASTRO, José Liberal de. Passeio Público: espaços, estatutária e lazer. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 123, 2009, p. 99-100.

³⁹ CASTRO, 1994, p. 74-75.

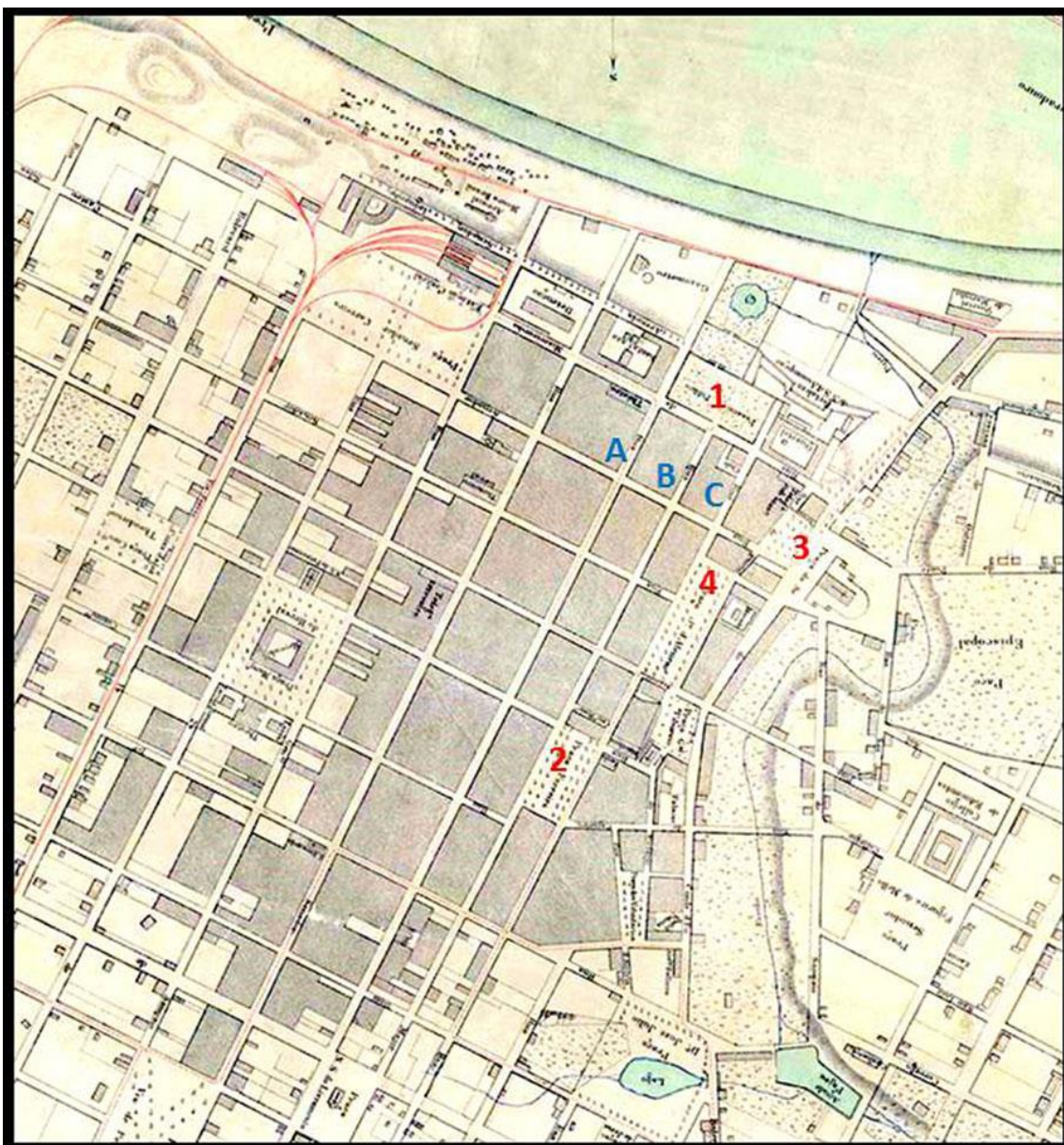


Figura 19 – Planta da cidade de Fortaleza, Brasil, de 1888. 1. Passeio Público; 2. Praça do Ferreira; 3. Praça da Matriz ou Praça do Conselho; 4. Praça Carolina ou Praça José de Alencar; A. Rua Barão de Rio Branco; B. Rua Major Facundo; C. Rua Floriano Peixoto.

Propostas para a criação de um Passeio Público em Fortaleza datam de 1810. Notícias sobre a sua construção efetiva se registram desde a década de 1860, mas a sua consolidação se realiza a partir de 1880.⁴⁰ Se havia um eixo de conexão do Passeio Público com a Praça do Conselho pela Rua Floriano Peixoto, a decadência e desaparecimento desse logradouro promove o antigo rossio da Feira Nova, denominada “Praça Municipal” na planta de Manoel do Rêgo Monteiro de 1856,⁴¹ hoje conhecida como Praça do Ferreira, como coração da cidade de Fortaleza. Nesse delineamento, a Rua Major Facundo ganha importância por constituir a via de ligação entre a entrada principal do Passeio Público (Figura 19, legenda 1) com a Praça do Ferreira (legenda 2), distanciadas cerca de 475 metros.

⁴⁰ CASTRO, 2009, p. 41-114.

⁴¹ PLANTA da Cidade de Fortaleza levantada no ano de 1856 pelo Padre Manoel do Rêgo Medeiros – Guaraci de Lavor copiou. In: FORTALEZA evolução urbana cit., p. 22.



Figura 20 – Fortaleza, Brasil. 1. Passeio Público; 2. Praça do Ferreira.



Figura 21 – Fortaleza, Brasil. Cartão postal da Praça do Ferreira. Aproximadamente década de 1950.

RECORRÊNCIAS, DISTINÇÕES

No estudo de caso de seis alamedas e dois passeios públicos, uma das tipologias mais evidentes de alameda sucede nas vilas e cidades amuralhadas da colonização espanhola. Suas alamedas foram construídas em áreas externas, fora dos muros: Trujillo, Veracruz e Campeche. Em cartografias anteriores ao século XIX, já se constatavam esses espaços de passeio para além do aglomerado urbano mais denso, intramuros, contribuindo para a confirmação do que foi observado pelo padre Gabriel Guarda sobre os ejidos e cañadas, por conseguinte os rossios.

Alamedas coincidem também como vias de conexão a aglomerados ou percursos de ligação às cercanias da vila ou cidade. Coincidência ou não, todos os afastamentos das alamedas e passeios e

alamedas em relação ao coração das urbes giram em torno dos 500 metros, exceto no caso de Ayacucho.

Os eixos de conexão direta são uma recorrência, exceto na variação constatada em Zacatecas. Há uma relação geométrica sempre evidente, e sobre os qual sabemos que os sete casos estudados não são exceções, mas a regra. Mas procedimentos distintos nos processos de ocupação de suas colônias tornam o cotejo dos jardins lusos com os hispânicos uma tarefa a exigir mais cautelas. Não aprofundamos a verificação da incidência de referências urbanas importantes ao longo desses percursos, como examinamos em Ayacucho e rapidamente em Fortaleza. Mas é possível evidenciar a qualificação dessas vias em análises mais demoradas, para além de configurarem o trajeto direto entre os dois extremos que desenhamos em todos os mapas.

Várias dessas características que delineamos valeriam para a Alameda do México. Não da Alameda criada em 1592, mas aquela que vai se consolidando nos séculos XVII e XVIII. A diacronia é o fio condutor das persistências e resiliências que pretendemos demonstrar sobre o fenômeno das alamedas, paseos e passeios públicos. Mas se cotejarmos a Alameda mexicana com o Passeio Público do Rio de Janeiro, inúmeras são as divergências entre os dois espaços, deslocados no tempo e nos contextos históricos. Todavia, não há como negar que esses jardins públicos ostentam interfaces comuns, demonstrados em outros trabalhos.⁴²

Este ensaio é apenas uma maneira de estabelecer um reconhecimento, mediante um tipo de recorte, de um fenômeno que longe está de um desvendamento completo. Como espaços de mitologias e metáforas, os jardins são o paraíso da imaginação humana.

Fontes das imagens

Figuras 1, 3, 5, 7, 9, 12, 14, 15, 20: printscreens de páginas do Google Earth com manipulação do autor.

Figuras 2, 18, 21: cartões postais, acervo do autor.

Figuras 4, 10, 11, 16, 17: fotografias do autor.

Figura 6: Plano topográfico, ciudad de Ayacucho, por Mariano Felipe Soldán, 1865. Disponível em Wikipedia Commons em <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MFPS-D-ayacucho.jpg>>.

Figura 8: Planta del Paseo Nuevo en el campo de Sta. Clara en Huamanga (Perú). José Abascal. Archivo General de Indias. Reproduzido em: LA CIUDAD Hispanoamericana: el sueño de un orden. Madrid: CEHOPU Centro de Estudios Históricos de Obras Públicas y Urbanismo; CEDEX Centro de Estudios y Experimentación de Obras Públicas; Ministerio de Fomento, 1997, p. 168.

Figura 13: Publicada originalmente por Jaime Baltazar Martínez de Compañón em 1786. Reproduzido em: LA CIUDAD Hispanoamericana: el sueño de un orden. Madrid: CEHOPU Centro de Estudios Históricos de Obras Públicas y Urbanismo; CEDEX Centro de Estudios y Experimentación de Obras Públicas; Ministerio de Fomento, 1997, p. 127. Disponível em Wikipedia Commons em <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=19118799>>.

Figura 19: Planta da cidade da Fortaleza capital da provincia do Ceará, por Adolphe Herbster, 1888. Biblioteca Nacional. Disponível em Wikipedia Commons em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Planta_da_cidade_da_Fortaleza_capital_da_provincia_do_Cear%C3%A1-Adolphe_Herbster-1888.jpg>

⁴² Ver nota 8.